

Rua Eduardo Prado Coelho

- 3 Editorial
- 4 Rua Eduardo Prado Coelho
- 5 A Palavra sobre a palavra - **Eduardo Prado Coelho**
- 7 Testemunho - Francisco Belard
- 10 Os escritores na Toponímia de Albufeira

Do sussurro e do sulco

Eduardo Prado Coelho conquistou paulatinamente um espaço do nosso corpo, como o que parece acontecer com os irmãos gémeos. Dia sem a crónica de EPC era o mesmo que acordar sem um bom-dia ou sem o café.

Aos poucos, quer se concordasse ou não com a sua opinião, a sua presença sempre amável passou a instalar-se na vida dos portugueses como uma espécie de sombra nascente – aquela que caminha à frente dos nossos passos. E quando parávamos (na rua, no café, na página do jornal para mentalmente saborearmos a palavra companheira), essa sombra imensa insuflava-se de vida, autonomizava-se e dizia-nos da sua imensa lucidez. Contagiante, pois concluíamos, tropeçávamos a par e passo, na conclusão do quanto somos abonados por sermos, de tempos a tempos, bafejados por vozes tão marcadamente sussurrantes.

Depois, o vazio – e todas as sinestésias a ele associado. Tudo tinha virado memória – e não consta que as memórias andem à frente dos nossos passos. Dizem-nos que não devem. Mas a Comissão Municipal de Toponímia de Albufeira achou que podem, desde que saibam de caminhos, para que, à semelhança de uma Alice, possamos saber qual o caminho.

Com EPC, todas as ruas, todas as avenidas, todas os becos iam dar lugar a uma lógica, a um conhecimento sensitivo, a uma artéria que se desenhava com a confiança de que cada passo novo nos garantiria uma nova ironia perante a vida.

A mais deliciosa ironia das páginas da imprensa portuguesa pertencem-lhe. Apenas a ele. Quem não se deliciou com as suas considerações acerca do pós-modernismo ou acerca do fado? Quem não riu do modo mais sério que se possa imaginar? E não é dessa ironia que o indivíduo precisa para não enlouquecer?

Esta Comissão de Toponímia considera que precisamos de EPC no nosso caminho. Na nossa rua, impresso na pedra - para o recordarmos sempre pelo seu lado mais de vaga, mais de efêmero, mais de sussurro que de tão brando, tão inefável, cavou sulcos perpétuos na nossa História.

Aos seus amigos e familiares, o nosso agradecimento. Quanto ao EPC, continuaremos a passar um pelo outro, na rua.

O Vereador da Toponímia

Carlos Sérgio Quintino

Eduardo Prado Coelho nasceu em Lisboa, a 29 de Março de 1944, e seguiu os caminhos do pai, o catedrático Jacinto do Prado Coelho, tendo-se licenciado em Filologia Românica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Em 1983 doutorou-se na mesma escola, onde já era assistente, com uma tese sobre *A Noção de Paradigma nos Estudos Literários*.

Crítico literário e polemista, era presença assídua no espaço público onde se envolvia de forma activa nos debates culturais e políticos. Intelectual público, envolveu-se várias vezes em campanhas políticas.

A sua carreira académica prosseguiu, em 1984, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde chegou a professor associado no Departamento de Ciências da Comunicação. Pelo meio fixou uma passagem pelo Departamento de Estudos Ibéricos da Sorbonne, para onde foi ensinar em 1988.

Autor prolífico, deixa uma vasta bibliografia universitária e ensaística, onde se destacam um longo estudo de teoria literária, *Os Universos da Crítica: Paradigmas nos Estudos Literários*, 1983, vários livros de ensaios, *O Reino Flutuante*, 1972, *A palavra sobre a palavra*, 1972, *A letra litoral*, 1978, *Vinte Anos de Cinema Português* (1962-1982), 1983, *A mecânica dos fluidos*, 1984, *A noite do mundo*, 1988, dois volumes de um diário, *Tudo o que não escrevi*, 1992, obra que lhe granjeou o Grande Prémio de Literatura Autobiográfica da Associação Portuguesa de Escritores, *O cálculo das Sombras*, 1997, *Situações de Infinito*, 2004. Tem ainda um volume de *Obra Poética*.

As suas crónicas no PÚBLICO (onde era colaborador desde o primeiro número) mereceram, em 2004, o Grande Prémio de Crónica João Carreira Bom, estando muitas delas reunidas em *Crónicas no Fio do Horizonte*, das Edições Asa.

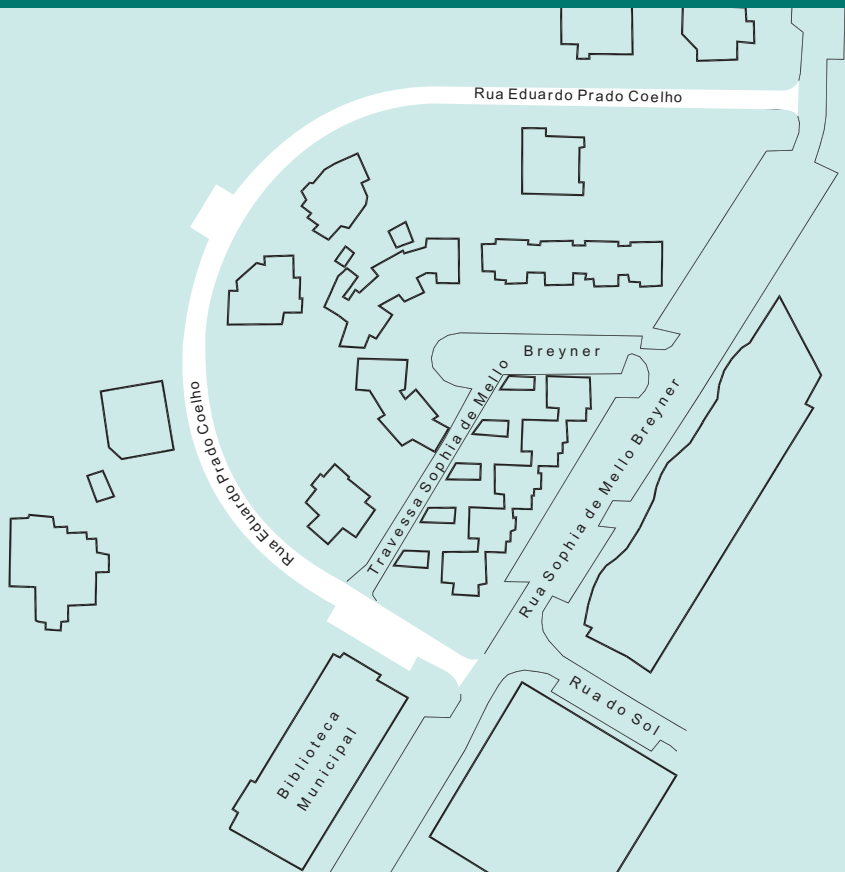
Desempenhou vários cargos públicos, tendo sido director-geral de Acção Cultural no Ministério da Cultura em 1975/76, um departamento criado após a Revolução de 25 de Abril de 1974. Mais tarde, entre 1989 e 1998, foi conselheiro-cultural na Embaixada de Portugal em Paris e, em 1997, director do Instituto Camões na mesma cidade. Foi Comissário para a Literatura e o Teatro da Europália Portuguesa, em 1990, e colaborou na área de colóquios na Lisboa Capital Europeia da Cultura 94. Foi ainda o comissário da participação portuguesa no Salon du Livre /2000, ano em que Portugal foi o país-tema da grande feira literária de Paris.

Entre as suas obras mais recentes, refirmam-se os seus *Diálogos sobre a fé*, uma troca de cartas com o Cardeal Patriarca D. José Policarpo, *Dia Por Ama* (textos sobre o amor, escritos em parceria com Ana Calhau, apresentando as perspectivas feminina e masculina sobre o tema e complementado com fotografias também de Ana Calhau), *Razão do Azul*, 2004, sendo *Nacional e Transmissível*, 2006 o seu último livro editado, onde escreveu sobre objectos, comportamentos, locais emblemáticos ou características que formam o que poderíamos chamar a idiossincrasia portuguesa.

Faleceu na manhã de 25 de Agosto de 2007, na sua residência, vítima de doença súbita. Tinha 63 anos. A sua última crónica no Jornal PÚBLICO intitulou-se "Ai Simplex!?", tendo a mesma sido publicada no dia seguinte, domingo, dia 26 de Agosto de 2007.

A Câmara Municipal de Albufeira, deliberou a 7 de Abril de 2009, aprovar a proposta da Comissão Municipal de Toponímia de Albufeira em atribuir o nome de Eduardo Prado Coelho a uma rua contígua à Biblioteca Municipal.

Fonte: "Público on-line" a 25.08.2007



EM MEMÓRIA DO EDUARDO

É sempre árduo dialogar com alguém que só nos pode responder com frases anteriores ao que dizemos. No caso de Eduardo Prado Coelho (1944-2007) são as frases dos seus próprios textos, felizmente em grande parte recolhidos nos muitos livros que publicou. Perante a recente solicitação do município de Albufeira no sentido de me associar à homenagem, vertida na toponímia urbana, a um dos mais interessantes e inteligentes intelectuais portugueses da segunda metade do século XX e da primeira década do XXI, o tempo escasso só me permite retomar e desenvolver, com alterações, o testemunho prestado na Póvoa de Varzim, nas Correntes D'Escritas (14-2-2009), que era afinal um aditamento ao meu artigo sobre Eduardo («O espectador», datado de 30-1-2008) na revista anual daquele festival literário.

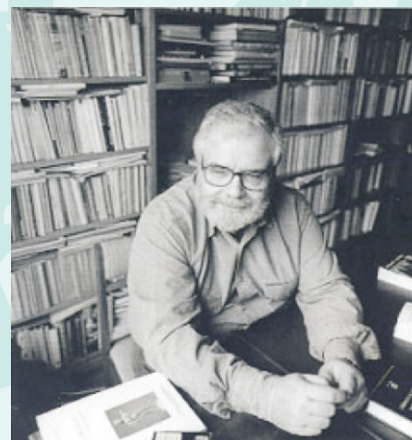
Duas evocações pois, e dupla homenagem, em cuja encomenda vi uma honra para mim excessiva e ainda assim insuficiente para a memória de uma personalidade da qual eu fora, mais do que amigo, um admirador ocasionalmente crítico. Disse então que essa era uma «responsabilidade que não sei se os meus ombros aguentam; se Carlos Drummond de Andrade escreveu, num extraordinário poema, que *'os ombros suportam o mundo'*, eu poderia comentar, em rima casual, que não há nada que suporte o peso da morte». E preveni que essa homenagem não se assemelharia às homenagens académicas, em que o sucessor numa cadeira antes usada por alguém falecido multiplica os elogios, mesmo quando o recipiendário não foi admirador extremo de quem louva. No notável e provocador ensaio **Comment parler des livres que l'on a pas lus?** (Les Éditions de Minuit, Paris, 2007), Pierre Bayard aborda o modo perversamente desprezado como Paul Valéry se referiu a Anatole France, cujo *fautenuil* herdava na Academia Francesa, e ao qual dedicou, sob o manto do elogio, uma sucessão de frases ambíguas e delicadas perfídias. E não se assemelharia porque protocolos académicos, fossem eles de teor apologeticamente ou de dissimulada malícia, seriam deslocados naquela sessão, além de porventura não ser eu a pessoa mais indicada para levá-los a cabo. Se todavia a tal me propusesse seriam de elogio, pois admirei e admiro Eduardo Prado Coelho. Uma admiração crítica, em alguns aspectos e segundo as circunstâncias (sobretudo políticas, mas também de gosto, por exemplo) me fizessem concordar ou não com ele.

É justo dizer que a crítica ao Eduardo se encontra várias vezes em textos que ele mesmo escreveu sobre anteriores atitudes e textos do seu intenso e não rectilíneo percurso, nos planos ideológico, teórico, estético, intelectual e de cidadania. Se não tenho notícia de se ter explicitamente retractado quanto a várias escolhas que legitimamente fez ao longo desse trajecto, poderemos porém ler, numa passagem de Setembro de 1991 transcrita em **Tudo o que não Escrevi**: «(...) quando nós, recentes aquisições intelectuais do movimento comunista na vaga ingénua ou oportunista do pós-25 de Abril, nos confrontávamos com a proposta de respondermos a um texto pertinente sobre os riscos de atentados à liberdade intelectual, texto assinado pelo Eduardo Lourenço (...)». Aqui incompleto mas significativo, este extracto representa talvez a autocritica de uma intervenção política (e ideológica em sentido forte) que um

seu esquecido livro de 1975, **Hipóteses de Abril**, condensa.

O mundo começou cedo a favorecê-lo. Filho único de um grande universitário e ensaísta, Jacinto do Prado Coelho, em casa ouvia os amigos da família, escritores, professores e outros. A escola (no caso a Faculdade de Letras de Lisboa) prolongava a biblioteca doméstica e o meio social; teve a sorte de ter como mestres pessoas como Luís Filipe Lindley Cintra, Manuel Antunes, Vitorino Nemésio e David Mourão-Ferreira, para mencionar só alguns, além obviamente do pai. Entre os próprios colegas de estudos encontrou muitos que ainda hoje pertencem às elites artísticas e científicas portuguesas. Nesse meio privilegiado, a dureza e a pobreza (em diversos sentidos) do país salazarista acabaram por estimular, nos mais dotados e lúcidos, uma consciência política exigente, em alguns também irreverente. Foi precoce; o seu primeiro livro, **O Reino Flutuante**, organizado em 1971, abre com textos de 1963 (quando tinha aproximadamente 19 anos). Nele se lêem comentários já autodistanciados, de uma certa imodéstia e de autocritica um tanto exibicionista, segundo o próprio Eduardo. Narcisismo? Não especialmente, a meu ver, embora alguém brincasse dizendo que, filho de um Jacinto e de uma Dália, ele só podia ser um Narciso; julgo que terá sorriso ao ouvir isso.

O Eduardo foi, entre meados dos anos 60 e dos 70, um constante e quase sistemático divulgador das modas de Paris, no sentido intelectual. A sua influência partiu daí, através das publicações onde escreveu, do brilho da sua carreira na Universidade, das amizades que cultivou. Mesmo a muitos que não o conheciam prestou assim serviços, que em contrapartida lhe valeram aversões dos que buscavam outras referências, sobretudo tomadas à crescente influência anglo-americana. Compreendeu que Paris ia deixando de ser a capital das artes e das ideias e «Paris em Lisboa» era já uma fórmula gasta.



Ultrapassou o facto, digamo-lo em clave de caricatura e simplificação, começando a ler El País e revistas cultas americanas e italianas, por exemplo (e livros, é claro, muitos livros). Desde a infância fora um grande leitor, e lê-lo-ia sempre. Anotava, sublinhava, tinha boa memória, sabia a que ponto da estante ir buscar a referência, a inspiração, a citação precisa. Mas o seu olhar não era livresco, era um bom observador do mundo circundante, das pessoas e dos costumes, nossos e estrangeiros. Ao contrário de outros universitários e professores portugueses, o cinema atraíu-o intelectualmente e sobre ele escreveu páginas sensíveis e esclarecedoras. Mas não como um objecto que o hipnotizasse, antes como linguagem e arte contemporânea que procurava sempre articular com as demais experiências e saberes. A certa altura passou a interessar-se muito pelas artes do espectáculo e pelas artes visuais, talvez em detrimento das tribunas de crítico literário ou de filmes. A curiosidade quase omnívora do Eduardo e algum pendor enciclopédico não o deixavam ser especialista de apenas uma ou duas coisas.

A voragem dos dias e as missões no estrangeiro (principalmente a década parisiense com conselheiro cultural e representante do Instituto Camões) amputariam ou inflectiriam o seu *cursum honorum* universitário. Mas fê-lo porque quis, por prazer e dever. E continuou sempre a ler e reflectir, dando notícia de pensadores de cá e lá (como fizera em 1971/72 com Deleuze), observando a nossa política com um misto de distância superiormente crítica, entre o irónico e o desgostoso, e de bisbilhote de vizinho do lado. Estava dentro e fora, ao mesmo tempo, e manteve as qualidades da sua escrita, a da sua poética da prosa.

Não vi no Eduardo maldade, mas às vezes um brando maldizer. Lembro-me de uma frase, salvo erro na revista Cinéfilo, em que dizia mais ou menos (cito de memória): «Concordo facilmente com as ideias do Vasco, até porque ele tem poucas». Era o tipo de injustiça verbal que praticava ao irritar-se (no caso dirigida a outro espírito brilhante, Vasco Pulido Valente), ou como pequena desforra, ou por zanga ocasional. Recordo o tom mordaz de um artigo no Diário de Lisboa sobre, ou contra, uma sua amiga e colega de estudos e de geração, que terminava com a expressão condescendente «(...) o caso humano e intelectual de Maria Alzira Seixo». Isto, repare-se, sobre alguém de quem fora e voltaria a ser grande amigo. Estas peripécias eram em regra efémeras e retribuídas; ele era perdoado (ou perdoava) nuns casos, noutros mantinha-se uma raivinha de estimação.

Recordo o tempo adolescente em que ele coordenou o suplemento «Juvenil» do Diário de Lisboa, recordo-o a passar no átrio da Faculdade de Letras, à saída da aula, com uma ou duas meninas de cada lado, recordo-o entre 1967 e 1971 na pastelaria Grã-Fina, onde iam tantos estudantes ou ex-estudantes de várias ideologias, antes de muitos deles se tornarem (ou fingirem tornar-se) comunistas durante algum tempo, recordo a sala e as estantes altas da sua casa no Lumiar, recordo-nos a tomar café com Marguerite Duras (sem ele eu nunca teria tomado uma bica com a Marguerite Duras, ainda por cima no

lisboeta Largo da Misericórdia...), recordo-nos no Festival de Cinema da Figueira da Foz, recordo episódios curiosos do seu doutoramento na Aula Magna, com Vítor Aguiar e Silva, Maria de Lourdes Belchior, António José Saraiva, Eduardo Lourenço. Recordo o *bôtel particulier* onde viveu nos seus dez anos de Paris, recordo o que ele sabia de política do livro português no estrangeiro, recordo, *amarcord... Souviens-toi, remember*.

Poderia ter sido um dos nossos melhores ministros da Cultura (ainda não havia o cargo quando foi director-geral da Acção Cultural no Governo Provisório, por volta de 1975-76). Também podia ter sido um supercatedrático, mas julgo que isso não lhe interessou muito. No dia-a-dia, olhava o mundo próximo e distante e acho que raramente se aborrecia. Nas críticas de uma página inteira do Público, quase canonizou escritores a que na véspera poucos ligavam. Não procurava demolir, mas foi impiedoso em raras zangas. As suas páginas diarísticas são uma memória cosmopolita e muito pessoal das décadas vividas.

Mais tarde, há poucos anos, um brusco turbilhão de maleitas e doenças graves fez com que os ombros deixassem de aguentar o mundo, o mundo que ele amou. Bem antes disso, no início de 1997, escreve à filha, Alexandra (carta transcrita em **O Cálculo das Sombras**): «*Continuemos a conversa interrompida. Repara: todas as conversas são interrompidas. Porque estas coisas são difíceis, inesgotáveis, e nunca encontramos a palavra suficientemente certa para falar delas*». O Eduardo é daqueles que afinal ainda não lemos, ainda não relemos, apto ainda a conversar connosco e partilhar as suas risadas, ou pequenas angústias sem dramatismo.

A morte é o traícoeiro interruptor das conversas. Dou por isso a palavra ao Eduardo, num poema da **Antologia de Poesia Universitária** (Portugália, Fevereiro de 1964, há quarenta e cinco anos):

«o que acontece eu sei é tudo antigo / e renovadamente e sem sentido / hoje fácil aberto a mão aberta / em cinco dedos o espaço repartido / eu tive em tuas mãos as mãos / de toda a gente rostos de muralha / onde o nosso silêncio feria o tempo coagulado / e hoje tu calma total / és a pedra central de uma muralha antiga / e arredondadamente como um gesto de sono / tu desces à cidade e é outono»

FRANCISCO BELARD

Os Escritores na Toponímia de Albufeira

Topónimo	Nº Artérias	Freguesia	Lugar
Agostinho da Silva	1	Albufeira	Montechoro
Alberto Caeiro	1	Albufeira	Páteo
Alexandre Herculano	1	Albufeira	Santa Eulália
Alexandre O'Neil	1	Albufeira	Montechoro
Almada Negreiros	1	Albufeira	Montechoro
Almeida Garrett	2	Albufeira	Areias de S. João
Álvaro de Campos	1	Albufeira	Páteo
Alves Redol	2	Albufeira	Montechoro
Antero de Quental	2	Albufeira	Santa Eulália
António Aleixo	2	Albufeira	Albufeira
António Aleixo	1	Paderne	Paderne
António Nobre	1	Albufeira	Montechoro
António Sérgio	1	Albufeira	Montechoro
Aquilino Ribeiro	1	Albufeira	Montechoro
Ataíde Oliveira	2	Albufeira	Montechoro
Bento Jesus Caraça	1	Albufeira	Caliços
Bernardim Ribeiro	1	Albufeira	Santa Eulália
Bernardo de Passos	2	Albufeira	Areias de S. João
Camilo Castelo Branco	1	Albufeira	Areias de São João
Camões	1	Guia	Guia
Cândido Guerreiro	1	Albufeira	Montechoro
Cesário Verde	1	Albufeira	Páteo
Diamantina Barreto Negrão	1	Albufeira	Montechoro
Eduardo Prado Coelho	1	Albufeira	Correira
Egas Moniz	1	Albufeira	Caliços
Egas Moniz	1	Paderne	Paderne
Eugénio de Andrade	1	Albufeira	Montechoro
Fernando Pessoa	1	Albufeira	Cerro da Águia
Fernão Lopes	1	Albufeira	Santa Eulália
Ferreira de Castro	2	Albufeira	Albufeira
Florbela Espanca	2	Albufeira	Caliços
Gil Vicente	1	Albufeira	Albufeira
Gil Vicente	1	Albufeira	Cerro da Lagoa
Guerra Junqueiro	2	Albufeira	Montechoro
Jaime Cortesão	1	Albufeira	Montechoro
João de Deus	1	Albufeira	Albufeira
Joaquim Magalhães	1	Albufeira	Correira
Jorge de Sena	1	Albufeira	Montechoro
José Carlos Ary dos Santos	1	Albufeira	Caliços
José Régio	1	Albufeira	Montechoro
Júlio Dantas	1	Albufeira	Montechoro
Júlio Dinis	1	Albufeira	Areias de S. João
Latino Coelho	1	Albufeira	Albufeira
Manuel Teixeira Gomes	1	Albufeira	Montechoro
Maria da Conceição Elói	1	Albufeira	Albufeira
Maria da Conceição Elói	1	Paderne	Paderne
Maria do Céu Neto	1	Guia	Guia
Maria Pereira	1	Guia	Guia
Maria Teresa Semedo de Azevedo	1	Albufeira	Cerro da Piedade
Mário Sá Carneiro	1	Albufeira	Páteo
Miguel Torga	2	Albufeira	Areias de S. João
Natália Correia	1	Albufeira	Areias de S. João
Oliveira Martins	1	Albufeira	Areias de S. João
Ramalho Ortigão	1	Albufeira	Areias de S. João
Raúl Brandão	1	Albufeira	Montechoro
Ricardo Reis	1	Albufeira	Páteo
Sophia de Mello Breyner	2	Albufeira	Montechoro
Teixeira Pascoaes	1	Albufeira	Montechoro
Teófilo Braga	1	Albufeira	Montechoro
Vitorino Nemésio	3	Albufeira	Montechoro

Edição

Município de Albufeira
Comissão Municipal de Toponímia

Título

Toponímia de Albufeira
Rua Eduardo Prado Coelho

Coordenação

Luísa Monteiro

Fotografias

Rui Gregório (CMA)
Jornal Público

Planta de Localização

Ricardo Sena

Tiragem

600

Ano

2009

Execução Gráfica

NC&G
Portimão

Agradecimentos

A Câmara Municipal de Albufeira e a Comissão Municipal de Toponímia agradecem a colaboração de Francisco Belard e demais individualidades para a realização desta publicação.